

Acidente aéreo que vitimou Samora N. 25/2/03

Pik Botha nega ter chegado pouco depois do sinistro

O ANTIGO Ministro dos Negócios Estrangeiros do regime do "apartheid", Roelof "Pik" Botha, nega de forma categórica que, acompanhado por um médico, tenha chegado ao local do acidente aéreo que vitimou o primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel, 30 minutos depois, bem como se distancia de informações apontando que o estadista moçambicano sobreviveu no incidente, segundo têm vindo a reivindicar ex-agentes ao serviço do regime e testemunhas oculares na área de Mbuluzini.

Pik Botha, actualmente nas fileiras do ANC, partido no poder na África do Sul, rejeita aquelas reivindicações. Diz ter chegado a Mbuluzini um dia depois do despenhamento do avião presidencial. Ele conta ter recebido um telefonema às 4 horas do dia 20 de Outubro de 1986, do então Ministro da Lei e Ordem da África do Sul, Louis Le Grange, que já havia recebido um relatório da Polícia acerca do acidente.

Membros dos serviços secretos zambianos e zimbabueanos e testemunhas oculares têm apontado que Botha chegou ao local do despenhamento 30 minutos depois, acompanhado por um médico, o qual terá injectado a Machel com uma substância letal. O referido médico, cuja identidade não foi avançada, pertencia ao Sétimo Batalhão das Forças Especiais sul-africanas, organismo que durante o apartheid se dedicava ao envenenamento de opositores do regime.

Botha não explica as razões que o levaram a não ter informado de imediato as autoridades moçambicanas da ocorrência do acidente. Limita-se a dizer que foi informado por Le Grange de que a Polícia estava já no local do acidente e que se tratava de um avião moçambicano, o qual se despenhara próximo da fronteira. Informado disso, aponta, imediatamente telefonou a PW Botha, presidente do Estado, que o instruiu para que contactasse o Ministério dos Transportes para a busca de detalhes e procedimentos a seguir.

Uma das coisas que Botha diz ter feito foi telefonar à representação sul-africana em Maputo, para informar do despenhamento do avião. Recorda ainda que pouco depois recebeu uma chamada telefónica do então Ministro moçambicano da Segurança, Sérgio Vieira, que

procurou saber do acidente. Afirma ter chegado a Komatiport, fronteira com Moçambique, às 10 horas do dia 20 de Outubro de 1986, onde se encontrou com Sérgio Vieira. De Komatiport ambos partiram para Mbuluzini num avião da Força Aérea sul-africana. Não quis ir sozinho ao local do incidente, pois havia muitas suspeitas, cujos detalhes não foram apontados.

"Quando chegámos ao local do acidente, Vieira identificou o corpo de Machel, que já estava morto e o seu corpo totalmente mutilado", disse. Acrescentou que a Polícia tinha ordens de garantir a segurança do local e que ele (Botha) sugeriu que o corpo de Machel fosse posto debaixo de uma árvore.

Botha e Vieira falaram depois a jornalistas sobre o sucedido. Uma comissão de inquérito foi imediatamente criada para inquirir as circunstâncias do acidente.

O antigo chefe da diplomacia do regime do "apartheid" conta que alguns dos sobreviventes, incluindo membros da tripulação russa, foram transportados para o hospital de Nelspruit, capital da província de Mpumalanga, para cuidados médicos.

Quando perguntado sobre as razões que o levaram a contactar Vieira e não Joaquim Chissano, na altura Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Botha argumenta que o Governo do "apartheid" teve que falar com qualquer funcionário que estivesse à sua disposição.

Paralelamente ao pronunciamento de Botha, um antigo agente da Polícia secreta do então regime de Pretória reivindica conhecer o paradeiro do falso aparelho utilizado para desviar o avião presidencial. Pedindo que fosse identificado por Senatla, este ex-operativo do Koevoet revelou que a aparelhagem que desviou o avião estava instalada, primeiramente, um dia antes do acidente, na esquadra da Polícia de Tonga, uma localidade situada a não mais de 10 quilómetros de Mbuluzini.

Senatla, sargento no Estado-Maior General dos serviços de inteligência militar do apartheid, admitiu ter visto o aparelho a ser transportado num camião altamente guarnecido pela Polícia de segurança. A aparelhagem foi atirada para as águas ao longo da costa da província setentrional sul-africana de Kwazulu-Natal, no extremo sul de Moçambique. Ele revelou conhecer os agentes

que transportaram todo o sistema que desviou o avião da sua rota para o território sul-africano. Contou que ao chegar junto das águas do Oceano Índico, agentes secretos do "apartheid" apontaram-lhe uma arma, mas graças à sua identificação foi poupado. Afirmou esperar que o aparelho esteja ainda naquele local, se é que não foi retirado para outro sítio.

Por outro lado, reivindicou que agentes secretos do notório Bureau de Cooperação Civil (CCB) procuraram silenciá-lo, ameaçando-o várias vezes de morte, situação que o obrigou a abandonar a África do Sul. "Decidi regressar à RAS porque o actual regime ajuda-nos a denunciar tudo aquilo que fizemos no passado", disse.

A Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) disse que documentos contendo informações relativas à morte de Machel desapareceram a caminho de Pretória, a capital sul-africana, idos de Cabo. As investigações não chegaram a ser concluídas, pois coincidiram com o fim do mandato da comissão.